



## Introduzindo Poesia Latina por entre linguagens

### *Introducing Latin Poetry Across Languages*

Stephen Hinds

University of Washington (UW), Seattle, Washington / Estados Unidos

shinds@uw.edu

<https://orcid.org/0009-0005-2324-0423>

Adalberto Moraes Moreira Penna

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

adalbertofarm23@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-6379-7512>

## 1 Introdução

Como parte da mesa-redonda<sup>1</sup> que concluiu o Seminário Internacional da FALE/UFMG “Approaches to Classical Reception” em setembro de 2024, ofereci uma prévia, em inglês, das considerações e dos interesses de um projeto de livro meu recém-concluído, amplamente relevante para os temas do nosso seminário, que durou uma semana. Meu livro (que deve ser publicado pela Cambridge University Press em 2025) intitula-se “*Latin Poetry across Languages: Adventures in Allusion, Translation and Classical Tradition*”; ele se divide em duas partes, a primeira focada em textos antigos (I: ‘Leituras entre latim e grego’) e a segunda em textos “modernos” de 1300 em diante (II: ‘Leituras entre latim e vernáculo’). O que ofereço agora, graças aos colaboradores acadêmicos da UFMG, é uma versão dessa prévia para o público brasileiro. As páginas a seguir adaptam alguns trechos de minhas páginas introdutórias e finais, bem como apresentam uma pequena amostra de duas conversas em diferentes

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da palestra proferida pelo Prof. Dr. Stephen Hinds (University of Washington, Seattle) na Faculdade de Letras da UFMG, em 16 set. 2024, em evento do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, organizado pelos Profs. Heloísa Penna, Matheus Trevizam e Sandra Bianchet. Tradução do artigo por Adalberto Moraes Moreira Penna, aluno do bacharel em Tradução: Inglês-Português da FALE/UFMG.



idiomas, presentes no corpo do livro no qual a literatura e a experiência vivida estão simultaneamente no centro das atenções: uma conversa do mundo antigo, de autoria do escritor de prosa latina Aulo Gélio, e uma conversa do mundo moderno, na voz do poeta irlandês Seamus Heaney, cujo trabalho já havia sido explorado anteriormente na sessão ‘cidade e campo’ do seminário da UFMG de 2024.

## 2 Latim literal

O meu livro se propõe a explorar o aspecto mais distinto da poesia em latim, a saber, no que ela caracteristicamente encontra definição em oposição a poesias em outras línguas. Na origem, notoriamente, a poesia latina foi constituída por sua relação com o grego;<sup>2</sup> em tempos posteriores, foi constituída por suas relações com as línguas vernáculas europeias. O meu livro não é, no entanto, um manual ou um histórico dessas coisas; em vez disso, é um conjunto de ensaios que pressupõem a existência de tal manual ou histórico, e que oferece casos de teste, às vezes casos-límite, para tal manual ou histórico. A maioria dos meus esboços escolhidos se enquadra em (e entre) duas categorias: conversas antigas entre textos latinos e gregos em verso; e conversas modernas (especialmente do início da era moderna) entre textos latinos e vernáculos em verso, refletindo as histórias vinculadas de recepção que compõem a chamada “tradição clássica” – conversas entre idiomas, entre períodos e, às vezes, as duas ao mesmo tempo.

Em suma, este é um livro de justaposições intertextuais, com o tipo de movimento entre a referência alusiva minuciosamente autoconsciente e a relationalidade mais ampla para o qual eu sempre fui atraído nas minhas escritas críticas. Dou ênfase especial a eventos interlingüísticos nos quais as correspondências estão tão próximas que se avizinham da condição da tradução, sem ser bem a mesma coisa que tradução, e onde a própria questão do movimento entre as línguas é, de alguma forma, central ou proeminente.

---

<sup>2</sup> Ver, especialmente, Feeney (2016) e Hutchinson (2013).

O projeto principal é obter um tipo específico de domínio na história literária entre idiomas, palavra por palavra e letra por letra. Não apenas “literalismo”, então, mas “transliteralismo” (para cunhar ou se apoderar de um termo). “Transliteralismo” às vezes por conta própria (porque o estudo literário deve ser sempre uma investigação sobre como as palavras, entendidas como palavras, são transacionadas entre leitores e escritores), mas também “transliteralismo” a serviço de uma abordagem, desde os primeiros princípios, até o transculturalismo. Indiscutivelmente, o caráter distintivo do impulso de se preocupar com um texto literário por meio do *close-up* (primeiro plano) extremo foi um pouco deixado de lado nas críticas pós-milenistas: tem ocorrido uma certa redução no engajamento mútuo entre críticos que gostam de discorrer sobre linhas particulares de verso (seja dentro ou entre idiomas) e críticos que gostam de discorrer sobre o trabalho cultural maior que a literatura realiza. O meu livro é de *close-ups* extremos, mas um que espera ampliar as possibilidades de discussão ao estreitá-las.

O meu livro anterior (e agora da geração passada) “*Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Poetry*” (Hinds, 1998) incorreu (mais por acidente do que por planejamento) em uma grande quantidade de engajamentos “latim em latim”, embora grande parte do trabalho-chave crítico e filológico que me inspirara, na época, tenha lidado com associações do tipo “latim em grego”. Neste novo livro, os estudos de caso intertextuais contribuem para corrigir esse desequilíbrio em minha própria produção.

Adaptar (e tomar emprestado do primeiro capítulo do meu livro) um aforismo usado em um contexto diferente, porém relacionado, por Horácio, para contribuir para o estudo da alusão poética latina ao grego é pingar uma gota em um oceano, ou (como ele mesmo diz), “levar madeira para uma floresta” (*in silvam ... ligna feras*, em *Satires* 1.10.34). Ao “chover no molhado” na parte “antiga” do meu livro, escolho uma ênfase distinta: dou um destaque especial a períodos e comunidades (períodos “posteriores”, para um helenista) nos quais o acesso poético latino usual aos textos gregos é espelhado, pelo menos em princípio, pelo acesso poético grego *recíproco* aos textos latinos. Ou seja, embora as conversas greco-romanas sobre poesia sejam pré-programadas para



serem, em primeiro lugar, respostas latinas ao trabalho de falecidos poetas gregos, meu livro coloca em primeiro plano conversas nas quais existe a *possibilidade* de a linguagem literária mais antiga “responder” à mais nova.

Os ensaios do livro têm um interesse especial, de fato, no tráfego poético bidirecional entre as línguas, um interesse que, para mim, deriva de algumas “incursões” à poesia latina e vernácula de referência cruzada no início do período moderno, representadas na segunda parte do meu livro. Em dois capítulos sobre o início da modernidade na Parte II, para lidar com a extração do título principal (“*Latin poetry across languages*”) a partir do qual, em princípio, quase nenhum texto em verso escrito com consciência da antiguidade clássica pode ser considerado como irrelevante e ser excluído, restrinjo a minha atenção a alguns poetas dos anos 1600 e 1500 que escreveram e publicaram *tanto* em latim quanto em uma língua vernácula (John Milton e Andrew Marvell em inglês, Joachim Du Bellay em francês); para os quais, então, a relação com a língua clássica pode ser pensada como algo excepcionalmente concentrado e autoconsciente. Em outras palavras, sou atraído em ambas as partes do meu livro para estudos de caso nos quais a relação entre escritas poéticas em duas línguas envolve um elemento especialmente elevado de reciprocidade autoconsciente.

Na metade “antiga” do meu livro, eu transito entre textos mais canônicos e textos menos canônicos, como convém a um especialista em clássicos, com Virgílio, Horácio e Ovídio encabeçando o latim e Homero encabeçando o grego, mas também contemplando (por exemplo) os fragmentos de Lívio Andrônico no alvorecer da literatura romana, os jogos linguísticos de Ausônio perto do fim dela e, situados entre esses dois, alguns dos epigramas menores da *Guirlanda de Filipe*, uma antologia grega publicada em Roma. Na metade (do início da era) moderna do livro, meus estudos de caso se aproximam mais de obras no centro, ou perto do centro, do cânone. Isso pode parecer preguiça ou presunção de um forasteiro, ou ambos ao mesmo tempo; em parte, procuro aqui a indulgência concedida a um turista bem-intencionado. Mas também espero dar uma contribuição que valha a pena, através do meu ângulo de abordagem na condição de um latinista clássico, a essas obras famosas do início da era moderna. Em uma seção de capítulo, por exemplo, eu

abordo a principal épica da língua inglesa, escrita por John Milton, *Paradise Lost* (1667), por meio de dois tradutores antigos, hoje quase desconhecidos, que realmente traduzem a épica de Milton para o verso *em latim*, e, muito mais brevemente, abordo a célebre obra portuguesa de Camões, *Os Lusíadas* (1572), por meio de um tradutor antigo de *Os Lusíadas* que verteu os seus versos para o latim, Thomas de Faria, em 1622. Em outro capítulo, eu abordo o famoso poeta romântico inglês, o *Lake Poet* (Poeta do Lago) – e distintamente não clássico – William Wordsworth (final dos anos 1700/início dos anos 1800) por meio de suas próprias traduções, pouco conhecidas, de trechos de Virgílio para o inglês.

Termino esta “introdução à minha introdução ao livro” com algumas considerações sobre como e por que essas duas metades (a metade “antiga” e a metade “moderna”) são colocadas em apenas um livro, em vez de dois. Assim como muitos latinistas clássicos, por muito tempo, tirei proveito de padrões de afinidade entre abordagens críticas da antiga tradição romana e abordagens críticas da tradição literária renascentista. Quando eu escrevi o meu livro anterior, *Allusion and Intertext* (1998), algumas das escritas críticas que mais me ajudaram vieram dos primeiros modernistas; assim também, na medida em que esse livro atraiu leitores inesperados, ele se encontra, reciprocamente, entre os primeiros modernistas. Uma das razões para essa atração mútua entre eras e campos é, sem dúvida, o traço compartilhado entre eles aqui em discussão, em termos gerais, uma cultura literária bilíngue baseada na interação entre uma língua mais antiga e sua tradição literária com uma mais nova. O paralelo é tanto indicativo quanto problemático. De perto, a comparação entre as duas situações logo revela o quanto diferentemente esse bilinguismo literário pode ser classificado, em termos de práticas culturais e de pontos cegos, em termos de inclusão, exclusão e oclusão. Além disso, o paralelismo previsto pode impor uma estrutura binária em relações que nem sempre são redutíveis a um binarismo. Na Itália pós-danteana, o debate *questione della lingua* significou que a questão da composição poética em latim *versus* o vernáculo italiano “andou de mãos dadas” com a questão (ainda mais urgente?) sobre qual forma esse vernáculo italiano deveria assumir. O mesmo tipo de questão trouxe à tona os poetas franceses da Pléiade, de meados dos anos 1500, representados

em meu livro por Joachim Du Bellay. E, claro, o próprio latim, durante grande parte da sua história na Pós-Antiguidade, também é, em termos práticos, ao mesmo tempo, uma língua moderna e uma língua antiga. Isto é, o latim é tanto uma língua com uma história contínua, quanto uma língua morta:<sup>3</sup> em particular, o latim é a língua da Igreja Ocidental (e, afinal, do Catolicismo Romano em particular) desde a Antiguidade Tardia até o início da Modernidade, um sinal de que ela pertence não menos ao mundo cristão do que ao mundo clássico.

Com essas ressalvas, acredito que seja útil justapor em um único volume alguns agrupamentos de estudos de caso da Antiguidade e (do início) da Era Moderna, que tratam das relações poéticas do latim em interação com as línguas. As escolhas literárias de uma época podem esclarecer as escolhas literárias de outra; as escolhas literárias de uma época podem *desfamiliarizar* as escolhas literárias de outra. Os ensaios do meu livro não buscam oferecer uma teoria de campo unificada ou identificar um conjunto universal de práticas. Por outro lado, ao permitir que diferentes fases da história translingüística do latim sejam justapostas, esses estudos isolados podem (espero!) se tornar mais do que a soma de suas partes, não apenas pelo seu foco próximo e sustentado no cruzamento de idiomas, mas também por uma tendência mais ampla (que eu encorajo em vez de forçar) de colocar em jogo questões, preocupações, temas e tropos interligados e recorrentes. Em um nível menos elevado, a minha esperança é que as justaposições desse livro deem a um leitor com interesse prévio em qualquer subconjunto de meus estudos uma razão para explorar todos eles; tanto por inclinação pessoal quanto por planejamento, e com o incentivo de amigos, escolhi textos com os quais é divertido se pensar.

Para mim, é importante enfatizar que as conversas em meu livro poderiam ser estendidas a quase qualquer texto poético, ou conjunto de textos, com *qualquer* tipo de participação na latinidade. Ao tratar de “tradição clássica” como processo e não como produto, de fato, na maior parte das vezes evitando incluir o artigo definido habitual “a”, que monumentaliza a tradição clássica em uma única narrativa mestra (*A Tradição Clássica*), tais conversas encontram maneiras diferentes de

<sup>3</sup> Ver Waquet (2001; original em francês ed. 1998); Farrell (2001).



rastrear as negociações e as micro negociações de autores e de leitores ao longo da língua e da cultura. Elas não fazem alegações de serem as únicas ou as melhores conversas disponíveis, mas se esforçam para serem representativas em áreas mais amplas de possibilidade.

### 3 Vidas Paralelas: As Noites Greco-Romanas de Aulo Gélio

Para compartilhar aqui apenas um segmento de um estudo de caso da primeira parte do meu livro (de um capítulo intitulado *Parallel Lives*), permita-me colocar Aulo Gélio sob os holofotes. Gélio não é um dos poetas romanos propriamente ditos (cujas declarações sobre a questão da poesia entre línguas são bastante familiares e densamente estudadas), mas um escritor de prosa romana que viveu entre o meio e o final do século II d.C., cujas chamadas *Noites Áticas* (*Noctes Atticae*) oferecem uma reunião extensa e aparentemente aleatória de conhecimentos linguísticos e antiquários “de primeira e de segunda mão”. Gélio foi muitas vezes acusado injustamente de ser seco e pedante; mas, na verdade, ele mostra um verdadeiro talento para anedotas observacionais animadas com antropologia amadora.<sup>4</sup> Em alguns dos capítulos mais memoráveis das *Noites Áticas*, os quais ele apresenta como tendo sido concebidos durante um período prolongado de estudos em Atenas, ele coloca vozes gregas e latinas em competição, em recortes vívidos do que eu nomeio (em homenagem a Plutarco) de “vidas paralelas” dos antigos gregos e romanos.

Há uma tendência, em *Noites Áticas* de Gélio, de reduzir as voltas e as reviravoltas dos jogos de identidade cultural greco-romana a um binarismo esquemático entre a helenidade essencializada e a romanidade essencializada. Para o recorte presente, no entanto, escolhi um capítulo de *Noites Áticas* no qual o foco é menos sobre uma trama characteristicamente geliana de competição poética binária entre grego e latim, embora isso esteja muito presente, e mais sobre uma subtrama interessante, se não

<sup>4</sup> Os últimos dez anos, ou mais, têm sido bons para *Noctes Atticae*: juntamente com o trabalho contínuo do decano dos estudos gelianos, Leofranc Holford-Strevens (desde 2003), ver Keulen (2009), esp. 1-14 (com uma chamada para uma abordagem histórico-cultural), Gunderson (2009), Fitzgerald (2016), 149-95 *passim*, Howley (2014) e Howley (2018); agora também Di Giulio (2020), de quem uma monografia é esperada.



totalmente explorada, envolvendo complicações de identidade, além do binarismo, entre os interlocutores do capítulo.

O capítulo em questão é o 19.9 (*NA*), que traz a resposta de Antônio Juliano a alguns gregos que, em um jantar, falam desdenhosamente sobre a capacidade romana de elaborar poesias de amor em comparação com as glórias do repertório grego, depois de os presentes terem se deleitado com uma performance comovente de obras de Anacreonte, de Safo e de outros poetas mais recentes, realizada por uma trupe de jovens cantores e tocadores de cítara.<sup>5</sup> É nesse pé que as coisas estavam à medida que os ânimos se exaltavam (seção 7):

saepeque eum percontabantur quid de Anacreonte ceterisque id genus poetis sentiret et ecquis nostrorum poetarum tam fluentes carminum delicias fecisset. ‘Nisi Catullus’, inquiunt, ‘forte pauca et Calvus itidem pauca. Nam Laevius implicita et Hortensius invenusta et Cinna inlevida et Memmius dura ac deinceps omnes rudia fecerunt atque absona.’<sup>6</sup>

Coloco entre parênteses os versos latinos citados, para os quais o capítulo se dirige, da resposta de Juliano a essas investidas (fragmentos preciosos, todos da poesia pré-neotérica, e o foco usual de interesse crítico moderno nesse episódio);<sup>7</sup> minha atenção, no entanto, está na *antropologia* do “embate”.

As personalidades e as posicionalidades são pressionadas de maneiras notáveis, de fato, ao longo da narrativa breve do capítulo. A cena é uma festa de aniversário de *litterati* em um retiro rural não muito longe

<sup>5</sup> NA (19.9.4): iucundum in modum Αὐακρεόντεια pleraque et Sappica et poetarum quoque recentium ἐλεγεῖα quaedam erotica dulcia et venusta cecinerunt.

<sup>6</sup> e eles perguntaram a [Juliano] mais de uma vez o que ele achava de Anacreonte e dos outros poetas [gregos] desse tipo, e se algum de nossos poetas [latinos] havia escrito poemas tão suaves e encantadores; ‘exceto’, disseram eles, ‘talvez alguns de Catulo e também possivelmente alguns de Calvo; pois as composições de Lévio eram confusas, as de Hortênsio, sem charme, de Cinna, deselegantes, as de Mêmio, desagradáveis, e assim por diante, com todos esses poetas sendo ásperos e discordantes em suas obras.’

<sup>7</sup> Aeditus fr. 1 e 2; Porcius Licinus fr. 6; Catulus fr. 1 Morel-Blänsdorf: citado em 19.9.11-14. Anteriormente, no lado grego, um poema tinha sido destacado para citação, Anacreonta 4 Preisendanz-West, descrito por Gellius (19.9.5-6) como sendo uma obra de Anacreonte em sua velhice (mas, na realidade, era parte da recepção helenística e pós-helenística de Anacreonte).

de Roma. O anfitrião e aniversariante (seção 1) surge imediatamente como uma figura intermediária entre os mundos grego e romano: ele é um jovem que veio da Ásia, da classe equestre e, evidentemente, sendo instruído em literatura grega e latina. Os *Graeci plusculi* (seção 7), entre os convidados (embora nesta anedota eles desempenhem o papel de chauvinistas helênicos), são apresentados como “*homines amoeni et nostras quoque litteras haut incuriose docti*” (homens encantadores e com interesse voltado também para *nossa* literatura [isto é, a romana]) – como é confirmado na citação acima pelo impressionante conhecimento deles de nomes de uma série de poetas latinos de meados do primeiro século (Catulo e Calvo com alguns elogios; Lévio, Hortênsio, Cinna e Mêmio sem nenhum; em ambos os casos, há uma enorme diferença em relação ao gesto grego perfundatório habitual dedicado somente a Virgílio... ou a ninguém). O indignado interlocutor deles, Juliano (um retórico proeminente e um personagem recorrente em *Noites Áticas*), argumenta em favor, na seção 8, da “sua” *língua pátria*, o latim, como se o fizesse para os seus altares e a sua lareira (*tamquam pro aris et focis*);<sup>8</sup> mas ele é, na verdade, *espanhol* (seção 2), tanto na origem quanto na maneira de falar (*Hispano ore...*). Bem, não há nada de estranho nisso: no período imperial, o que poderia ser mais natural do que um homem da Espanha sendo uma autoridade em literatura romana antiga, ou devendo considerar o latim como a sua própria língua nativa, que pertence a ele tanto quanto a fogueira do seu altar ancestral (pense, por exemplo, em Sêneca ou em Quintiliano)? Exceto que, nesta anedota, os gregos transformam a hispanidade de Juliano em um ponto de controvérsia étnica, combinando isso com o ataque maior deles à língua latina, à medida que o criticam intensamente (7):<sup>9</sup>

Iulianum rhetorem lacessere insectarique adorti sunt tamquam prorsus barbarum et agrestem, qui ortus terra Hispania foret clamatorque tantum et facundia rabida iurgiosaque esset eiusque linguae exercitationes doceret quae nullas voluptates nullamque mulcedinem Veneris atque Musae haberet<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> (19.9.8): tum ille pro lingua patria, tamquam pro aris et focis, animo irritato indignabundus ... inquit.

<sup>9</sup> Contextualização útil em Adams (2007), 231-3 (seção sobre o ‘sotaque espanhol’).

<sup>10</sup> Eles começaram a atacar e a criticar o *retórico* Juliano, como se ele fosse completamente bárbaro e rústico (*barbarum et agrestem*), uma vez que ele nascera na



Assim (como pano de fundo da avaliação comparativa entre poemas de amor gregos e latinos, que é o foco da anedota), podemos ver Gélio usando um *rhetor* ibérico para colocar em primeiro plano questões de língua e de identidade latinas (ver esp. 9 *nos, id est nomen Latinum*, citado no contexto abaixo); e podemos ver o “pequeno grupo de gregos” como guerreiros culturais complicados, nos quais um nível de conhecimento nem um pouco helênico sobre o verso latino neotérico entra em conflito com um desrespeito grego estereotipado pelas capacidades poéticas da língua latina e uma prontidão para realizar julgamentos sobre as fronteiras geográficas do *nomen Latinum*, mesmo que isso não seja mais do que uma fronteira entre dois tipos diferentes de barbárie.

Deve-se notar que esse mau comportamento por parte dos convidados helênicos incita Juliano, por sua vez, a trazer para a conversa (seção 8) os tipos de insultos étnicos sobre os gregos que geralmente são estranhos à altivez de *Noctes Atticae* – acusações de prodigalidade, de devassidão e até mesmo de voluptuosidade (*Alcinoum vinceretis*) hiperfeácia. Os *Graeci plusculi* de Gélio, inocuamente designados (seção 7), podem, neste ponto, adquirir um *traço* de *Graec-uli*, com o diminutivo anteriormente brando tornando-se implicitamente um insulto familiarmente tóxico. (Compare com a queixa xenófoba expressa em Juvenal 3.77-8: *omnia novit/Graeculus esuriens*, ‘seu greguinho faminto sabe de tudo’.) Aqui está o discurso completo de Juliano (seções 8-9):

‘Cedere equidem’, inquit, ‘vobis debui, ut in tali asotia atque nequitia Alcinoum vinceretis et sicut in voluptatibus cultus atque victus, ita in cantilenarum quoque mollitiis anteiretis. Sed ne nos, id est nomen Latinum, tamquam profecto vastos quosdam et insubidos ἀναφροδισίας condemnatis, permitte mihi, quaeso, operire pallio caput, quod in quadam parum pudica oratione Socraten fecisse aiunt, et audite ac discite nostros quoque antiquiores ante eos quos nominastis poetas amasios ac venerios fuisse.’<sup>11</sup>

---

Espanha, era um mero berrador de versos raivosos e conflituosos e ensinava ritos em uma língua que não tinha charme e nada da suavidade gentil de Vênus ou da Musa.

<sup>11</sup> “Devo de fato reconhecer”, disse ele, “que em tal prodigalidade e devassidão você superaria Alcínoo, e que, assim como você nos supera nos prazeres do adorno e da



No final dessa passagem, o latino hispânico Juliano complicou ainda mais a semiótica da interação por seu estratagema de assumir (em sua própria descrição) uma pose socrática e, portanto, grega de modéstia velada,<sup>12</sup> enquanto defende a superioridade dos respeitáveis valores eróticos romanos sobre aqueles indecorosos dos gregos, e se prepara para recitar os versos eróticos pré-neotéricos com os quais, nas seções 10-14, este capítulo de Gélio se encerrará.

Então se percebe uma rica representação de vidas paralelas que se compromete não apenas com o paralelismo, mas também com a geometria (aqui um tanto instável) da interseção. Para falar a verdade, a configuração prosopográfica de *NA* 19.9 – com todas as suas respostas interessantes à questão de “quem está onde?” – produz uma imagem mais rica e com mais nuances da cultura poética entre línguas do que aquela que emerge dos vocabulários bastante previsíveis de elogio e de difamação oferecidos nas avaliações do capítulo geliano de poemas gregos e latinos reais.

#### 4 Retornos ao pastoral: Seamus Heaney na Arcadia

O capítulo final de *Latin Poetry Across Languages* destaca alguns momentos da história pós-antiga de um gênero clássico específico: o gênero bucólico ou pastoral. Diferentes tipos de obras pastorais do início da Modernidade – todas elas mantendo diferentes tipos de diálogos com bucólicas antigas e, especialmente, virgilianas, – são mostradas no livro em latim *Bucolicum Carmen* de Francesco Petrarca (meados dos anos 1300), nas éclogas latinas do religioso carmelita Baptista Mantovano (final dos anos 1400) e no *English Shephearde Calender* de Edmund Spenser (final dos anos 1500). E, então, o meu capítulo avança no tempo (além do barroco europeu, além da arcádia ultramarina de Minas

---

comida, também o faz na suavidade enervada de suas cantigas. Mas para que você não nos condene, isto é, a raça latina, como carente do charme de Afrodite, como se fôssemos bobos e tolos, permita-me, por favor, cobrir minha cabeça com minha capa, como dizem que Sócrates fez ao tecer observações um tanto indelicadas, e ouça e aprenda que nossos primeiros predecessores também eram amantes e dedicados a Vênus, anteriormente àqueles poetas que você nomeou”.

<sup>12</sup> Sócrates famosamente cobre a cabeça para evitar constrangimentos antes de entrar em um debate envolvendo assuntos eróticos em *Fedro* 237a.



Gerais) para apreciar mais um poeta, um irlandês quase contemporâneo, que, nos tempos atuais, encontrou novas maneiras de “retornar” para a linguagem e para os temas das Éclogas de Virgílio: Seamus Heaney (1939-2013). Em Belo Horizonte, 2024, a breve vinheta que se segue serviu para concluir e para refinar uma discussão mais longa sobre Heaney, envolvendo tanto alunos quanto professores, na sessão “cidade e campo” do seminário da UFMG, alguns dias atrás.

Apresentei Heaney naquele seminário como sendo um poeta com um histórico familiar inserido na economia rural, estabelecido em poemas programáticos iniciais, como *Personal Helicon* e *Digging*,<sup>13</sup> e que encontra maneiras próprias e novas de intervir nos gêneros clássicos pastoral e bucólico. No livro, o meu foco principal está em um grupo de três “Éclogas” (assim intituladas) reunidas na coleção de Heaney de 2001, *Electric Light*, cada uma delas sendo, de uma maneira diferente, uma tradução do latim de Virgílio.<sup>14</sup> Mas o que eu quero revisitar aqui (ligeiramente desenvolvido a partir do meu capítulo) é outro momento em *Electric Light*, quando o poeta Heaney, na década de 1990, de fato se encontra, enquanto passageiro em um carro, na estrada para a Arcádia real, na Grécia central, subindo por um desfiladeiro e experimentando um momento “heaneyano” muito característico de fusão entre o presente e o passado, entre realidade e poesia.

Colocados logo após a última das três “Éclogas”, em *Electric Lights*, estão os *Sonetos de Hella* de Heaney, em seis partes, construídos a partir de memórias de viagens feitas na Grécia em 1995 e em 1997.<sup>15</sup> No arranjo da coleção, o primeiro desses sonetos de 14 linhas, intitulado “Into Arcadia”, oferece uma espécie de contexto para os experimentos anteriores do poeta no gênero bucólico/pastoral clássico. Aqui estão as primeiras cinco linhas e meia (*Into Arcadia* 1-6):

<sup>13</sup> Ambas resumidas em *Death of a Naturalist*, a primeira grande coleção de Heaney, de 1966.

<sup>14</sup> Sobre Heaney, Virgílio e as ‘Éclogas’ virgilianas de Heaney (2001), ver esp. Falconer (2022), Harrison, Macintosh e Eastman (2019), O’Donoghue (2009), O’Donoghue (2019), Putnam (2010) e Harrison (2008); cf. Heaney (2008).

<sup>15</sup> Para uma inspeção detalhada dos sonetos e das viagens, ver Taplin (2019).



### Into Arcadia

It was opulence and amen on the mountain road.  
Walnuts bought on a high pass from a farmer  
Who'd worked in Melbourne once and now trained water  
Through a system of pipes and runnels of split reed  
Known in Hellas, probably, since Hesiod –  
That was the least of it.<sup>16</sup>

O soneto começa e termina com encontros à beira da estrada. Inicialmente, nesse trecho, ao se aproximar da montanha, Heaney e seus companheiros de viagem passam alguns momentos em uma barraquinha à beira da estrada, na companhia de um emigrante que voltou de Melbourne (a maior cidade da moderna diáspora grega, na Austrália), agora cultivando nozes em sua terra natal, utilizando um sistema de irrigação atemporal “conhecido na Grécia, provavelmente desde Hesíodo”. Então, nas linhas a seguir, à medida que o carro deles adentra a região, as paisagens, os sons, os sabores e as texturas da vida rural se amontoam sinesteticamente (*Into Arcadia* 6-12):

[...] When we crossed the border  
From Argos into Arcadia, and farther  
Into Arcadia, a lorry load  
Of apples had burst open on the road  
So that for yards our tyres raunched and scrunched them  
But we drove on, juiced up and fleshed and spattered,  
Revelling in it [...].<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Visitando a Arcádia

Havia opulência e amém na estrada da montanha.  
Nozes compradas, em um caminho alto, de um fazendeiro  
Que outrora trabalhara em Melbourne e agora adestrava a água  
Por meio de um sistema de canos e canais de junco rachado  
Conhecido na Grécia, provavelmente desde Hesíodo –  
Isso era o de menos.

<sup>17</sup> [...]Quando cruzamos a fronteira  
De Argos para Arcadia, e mais além  
Em Arcadia, uma carga de caminhão  
De maçãs se espalhou na estrada  
De modo que, por jardas, nossos pneus rasparam e amassaram-nas  
Mas seguimos em frente, respingados de suco e polpa,  
Se deleitando[...].



Até que o soneto termina com (o que nos deixa surpresos ao reconhecer como) um *remake* moderno do arquetípico encontro bucólico “teocritiano” e virgiliano com um pastor e as suas cabras em um ponto de irrigação (*Into Arcadia* 12-14):

[...] And then it was the goatherd  
With his goats in the forecourt of the filling station,  
Subsisting beyond eclogue and translation.<sup>18</sup>

“[...] Subsistindo além da écloga e da tradução”. Cenários da Arcádia moderna, até, ou, especialmente, nesse ‘posto de gasolina’ (*filling station*), sinalizando o envolvimento não apenas com a filologia do gênero, mas também com o mundo real do trabalho rural e da (e)migração rural, que é (e não é) a essência das obras pastorais, antigas e modernas.

## 5 Micro negociação

Para o leitor moderno, apelos trans-históricos ou totalizantes à “aprendizagem clássica” e às “línguas aprendidas” podem se impor como uma espécie de peso morto. Levando isso em consideração, *Latin Poetry across Languages* procura enfatizar, em sua estrutura e nas suas escolhas de estudos de caso, que, por mais convenientes que esses rótulos possam ser como uma definição rápida, por outro ponto de vista, cada usuário da língua considerado em minhas páginas – seja poeta ou leitor – terá trazido uma percepção diferente e individual de história e de educação para as suas poéticas interlingüísticas.

Essa é uma das razões para a minha escolha de omitir o artigo definido no subtítulo do meu livro e na maioria das minhas referências ao longo do livro à “tradição clássica”. Seria desonesto negar que quase todos os textos estudados em meu livro (até mesmo ou especialmente os da Parte II) estão lá porque fazem parte de uma longa narrativa mestra em “A Tradição Clássica”. Outro tipo de estudo poderia ter ignorado completamente esses textos de alto prestígio e, em vez disso, reunido outros

<sup>18</sup> [...] E então foi o pastor de cabras  
Com suas cabras no pátio do posto de gasolina,  
Subsistindo além da écloga e da tradução.



que foram deixados de lado por muito tempo, em um conjunto inteiramente novo de estórias de poesia entre línguas. Tais rupturas da narrativa canônica têm mudado a forma dos estudos literários de maneiras importantes há algumas décadas: embora eu não contribua diretamente para elas em meu livro, eu tento aproveitar parte de sua energia revisionista e centrífuga para atualizar as histórias de textos que têm sido presenças garantidas em listas de leitura ao longo (e muito antes) de minha própria vida acadêmica. Por isso, escolhi, ao longo do livro, apelar para a “aprendizagem clássica” não como uma entidade imutável, mas sim como algo renegociado por cada poeta e por cada leitor para cada texto (e, finalmente, para cada momento de alusão ou de tradução dentro de cada texto). Veja Seamus Heaney, um poeta que, por um ponto de vista, teve uma “educação clássica”, como esse termo é normalmente compreendido, mas que, por outro (como explora o tratamento mais longo de meu livro), vivenciou o seu latim em uma série de maneiras *ad hominem*: nas memórias de uma escola e de um professor em particular; em uma relação local e nacionalmente complicada com o catolicismo romano pré e pós-vaticano II; e em uma “abreviação conversacional” por meio de frases de efeito que operavam como um idioleto dentro do seu próprio círculo familiar.

E o mesmo ocorre com as conversas entre uma linguagem literária mais antiga e uma mais nova também na Antiguidade. Mesmo para os nossos autores antigos mais canônicos, cada história da helenização romana também é uma micro-história pessoal: mesmo para Virgílio, cujo domínio e redirecionamento da principal corrente “helenófila” da alta cultura literária romana da segunda metade do século I a.C. são alimentados por conexões particulares vividas com a cultura literária bilíngue na Magna Grécia e além.

Resumindo (para voltar a um ponto levantado no início), o que procuro oferecer em meu livro – e o que procuramos oferecer no Seminário Internacional “*Approaches to Classical Reception*” em setembro de 2024 – não é tanto uma narrativa do classicismo alcançado (o que seria muito fácil), mas sim um conjunto de narrativas fragmentárias sobre o classicismo como processo: um conjunto de histórias vividas e incorporadas momento a momento, e não de alguma forma reificadas ou generalizadas ao longo de toda uma vida, obra ou período de tempo.



## Referências bibliográficas

ADAMS, J. N. *The Regional Diversification of Latin 200 BC–AD 600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007

DIGIULIO, S. J. Gellius' strategies of reading (Gellius): miscellany and the active reader in *Noctes Atticae* Book 2. *Classical Philology*, v. 115, p. 242-264, 2020.

FALCONER, R. *Seamus Heaney, Virgil and the Good of Poetry*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

FARRELL, J. *Latin Language and Latin Culture from Ancient to Modern Times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FEENEY, D. *Beyond Greek: The Beginnings of Latin Literature*. Cambridge: Harvard University Press, 2016

FITZGERALD, W. *Variety: The Life of a Roman Concept*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

GUNDERSON, E. *Nox philologiae: Aulus Gellius and the Fantasy of the Roman Library*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2009.

HARRISON, S. Virgilian contexts. In: HARDWICK, L.; STRAY, C. (ed.). *A Companion to Classical Receptions*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2008. p. 113-126.

HARRISON, S.; MACINTOSH, F.; EASTMAN, H. (ed.). *Seamus Heaney and the Classics: Bann Valley Muses*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

HEANEY, S. *Death of a Naturalist*. London: Faber and Faber, 1966.

HEANEY, S. Eclogues in extremis: on the staying power of pastoral. In: VOLK, K. (ed.). *Oxford Readings in Classical Studies: Vergil's Eclogues*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 245-260.



HEANEY, S. *Electric Light*. London: Faber & Faber, 2001.

HINDS, S. *Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HOLFORD-STREVENS, L. *Aulus Gellius: An Antonine Scholar and His Achievement*. Revised ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HOWLEY, J. A. “Heus tu, rhetorisce”: Gélio, Cicero, Plutarch, and Roman study abroad. In: MADSEN, J. M.; REES, R. (ed.). *Roman Rule in Greek and Latin Writing: Double Vision*. Leiden: Brill, 2014. p. 163-192.

HOWLEY, J. A. *Aulus Gellius and Roman Reading Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HUTCHINSON, G. O. *Greek to Latin: Frameworks and Contexts for Intertextuality*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KEULEN, W. *Gellius the Satirist: Roman Cultural Authority in Attic Nights*. Leiden: Brill, 2009.

O'DONOGHUE, B. Heaney, Yeats, and the language of pastoral. In: HARRISON, S.; MACINTOSH, F.; EASTMAN, H. (ed.). *Seamus Heaney and the Classics: Bann Valley Muses*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 147-159.

O'DONOGHUE, B. Heaney's classics and the bucolic. In: O'DONOGHUE, B. (ed.). *The Cambridge Companion to Seamus Heaney*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 106-121.

PUTNAM, M. C. Vergil and Seamus Heaney. *Vergilius*, v. 56, p. 3-16, 2010.

TAPLIN, O. Boustrophedon between Hellas and home. In: HARRISON, S.; MACINTOSH, F.; EASTMAN, H. (ed.). *Seamus Heaney and the Classics: Bann Valley Muses*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 14-25.

WAQUET, F. *Latin or the Empire of a Sign: From the Sixteenth to the Twentieth Centuries*. Translated by J. Howe. London; New York: Verso, 2001.